

## CONSTRUÇÃO CIVIL

# Produção de pré-moldados moderniza parque industrial



PREMOLD/DIVULGAÇÃO/JC

Com 40 anos de atuação, Premold investe em automação e modernização de processos

## Processo responde à escassez de mão de obra nos canteiros

Eduardo Torres

Na Premold, empresa de Sapucaia do Sul, no Vale do Sinos, que completa 40 anos em setembro, acontece justamente o processo industrial que é tendência na construção civil. Na área de 12 hectares da indústria especializada nos pré-moldados, são 250 funcionários. A empresa responde à escassez nos canteiros de obras, mas também investe em automação e modernização de processos, como em outros setores industriais com limitações de mão de obra. No Rio Grande do Sul, segundo dados do Sinduscon-RS, a construção civil é responsável pela geração de 500 mil empregos diretos e indiretos.

"Na fábrica, todos os elementos de uma construção são produzidos em ambiente controlado, coberto, sem intempéries. Minimiza, por exemplo, aspectos como acidentes de trabalho e a rotatividade de funcionários", comenta a sócia e gerente da Premold, Bárbara Souza.

Hoje, a empresa desenvolve um concreto de alto rendimento. Enquanto, in loco, nos canteiros de obras, o concreto leva até 28 dias para finalizar o processo de cura, na indústria, com a atual tecnologia, é possível finalizar este processo em 24 horas. E dali, entregar o produto nas obras. Com geração de resíduo zero, como assegura a gerente, a partir da sua central própria de produção de concreto, já conseguem produzir peças de até 50 toneladas.

"Há um ganho muito grande aos clientes em precisão. Produzimos aqui sob medida para cada projeto, e o resultado é a eficiência. Uma

empresa que, por exemplo, precise construir em uma área alugada, o prazo para entrega é essencial, e ele reduz em até 40%", aponta Bárbara.

Entre os clientes da empresa estão grandes indústrias gaúchas como a CMPC e a Docile, mas também obras de infraestrutura que fazem o uso de placas de concreto desenvolvidas na indústria, como as atuais obras de duplicação da BR-116, ou algumas das obras de recuperação viária no após a cheia de 2024.

Segundo a empresária, há mais empresas buscando este modelo de construção. A procura pelas estruturas pré-fabricadas não chega a representar um boom, mas garante cada vez mais uma produção linear na indústria, algo que, alguns anos atrás, não era comum. Na atual estrutura, a Premold, além de produzir pré-moldados, também atua como construtora, mantendo entre cinco e seis projetos simultâneos.

## Alta tecnologia em construção

Quando o passageiro entra no elevador, o espelho inteligente percebe a sua aproximação e se transforma em uma tela interativa, que troca informações com a pessoa e vira uma ferramenta de serviços e eficiência, tanto ao passageiro quanto a toda a estrutura do prédio. Essa tecnologia existe, e é desenvolvida em Guaíba, na Região Metropolitana, na fábrica e, antes disso, no centro de inovação da TK Elevator. Somente essa tecnologia já foi aplicada a mais de 100 unidades em todo o Brasil.

Conforme o CEO da empresa, Paulo Roberto Manfroi, não se trata mais de somente vender elevadores para "o novo prédio": é a venda da engenharia completa, com toda a tecnologia e inovação existentes.

A renovação da construção civil, que representa uma oportunidade à economia da macrorregião, dialoga diretamente com a alta tecnologia não apenas nos padrões construtivos, mas na eficiência dos empreendimentos. Em Guaíba, a TK Elevator desenvolve e dispara para o mundo as tendências da mobilidade nos prédios modernos. Com o uso de Inteligência Artificial na aplicação da chamada internet das coisas, por exemplo, os elevadores da linha EOX regeneram energia para a rede elétrica do prédio e são capazes, a partir de monitoramento digital, de se conectarem com o centro de engenharia da empresa e, sem ajuda de ninguém, detectarem com antecedência eventuais problemas na operação e acionarem um técnico para a correção do problema.

Em junho deste ano, a TK Elevator inaugurou a nova estrutura do centro de desenvolvimento global, em Guaíba. Um prédio que vai

agrupar até 250 engenheiros com laboratórios de eletrônica, laboratório eletromagnético, seis elevadores de testes, além da integração de mecânica, eletrônica, digital e software para o desenvolvimento de novos produtos para o mundo – com ênfase nos mercados da América Latina.

"Em Guaíba, estamos no centro do Mercosul, com uma posição logística privilegiada e mão de obra qualificada para garantirmos aqui a liderança global no desenvolvimento de softwares aplicados à mobilidade. Centros no nível que, até então, eram desenvolvidos de maneira descentralizada entre Guaíba e Porto Alegre, só existem nos Estados Unidos, Alemanha, Espanha e China. Ao mesmo tempo em que a estrutura está aqui, o desenvolvimento de inovações é global, integrado", define Manfroi. Ele conta que foram investidos R\$ 30 milhões somente na nova estrutura de desenvolvimento dentro da unidade industrial de Guaíba.

"Quando falamos na nova construção civil, o mundo quer maior eficiência energética, integração com o ambiente digital, mais verticalização nas construções. E isso exige tecnologia combinada com alta capacidade de velocidade nos equipamentos", resume o executivo.

Inclusive com a ajuda de robôs. É o caso do Tommy, também desenvolvido aqui. Ele se conecta ao elevador e, a partir da portaria dos prédios, recebe encomendas dos moradores ou hóspedes e leva até o andar e apartamento a que são destinados. "O robô, inclusive, já interfone para a pessoa que receberá a encomenda", conta o CEO da TK Elevator.

## Liberação da exploração de areia no Guaíba favorece a construção

Depois de mais de 20 anos, as mineradoras de areia, que formam uma das bases na cadeia produtiva da construção civil na Região Metropolitana, agora estão em compasso de espera para o retorno da exploração de areia no Guaíba. Foi o que definiu o recente zoneamento da Fepam para a exploração no manancial. Uma medida que poderá aumentar a disponibilidade do material que é base para a produção de concreto, por exemplo, além de reduzir custos logísticos para o setor, que hoje compra o material das areias que atuam no Jacuí.

De acordo com o zoneamento, as empresas poderão explorar areia

em um espaço de 20,5 quilômetros quadrados – 4% do total da área do Guaíba – na região do município de Guaíba, em direção à Barra do Ribeiro. Foi ainda autorizado o uso da areia proveniente de ações de dragagem nos canais de navegação.

"A partir de agora, começa o processo de estudos e licenciamentos ambientais, além do loteamento das mineradoras autorizadas a atuar nessa região. É uma área pequena autorizada até o momento, e servirá para o setor agir de maneira correta e eficaz para seguirmos avançando. Hoje, temos condições de suprir o mercado da construção", diz o presidente do Sindicato dos

Depósitos, Distribuidores e Comerciantes de Areia do RS (Sindareia-RS), Laércio Thadeu Pereira.

Segundo o presidente, a estimativa é que ainda demore alguns meses para que seja formalizado o reinício da exploração de areia na Região Metropolitana. Algo que pode representar uma retomada ao setor que, além da restrição legal, foi diretamente atingido pela enchente de 2024. Em 1996, por exemplo, eram 36 depósitos de areia somente em Porto Alegre; hoje, restaram apenas quatro. Do total de 50 empresas atuantes no setor em todo o Estado, 10 são da região.

A intenção é fornecer areia

mais próximo das empresas compradoras, que hoje chegam a perder até 16 horas entre ida e volta para a busca da área na região do Jacuí, Uruguaiana e no São Gonçalo, no Sul do Estado. Mas a estimativa de quanto poderá ser barateado o produto para a construção ainda não foi feita pelo Sindareia.

A exploração de areia no Guaíba foi autorizada entre 1985 e 2003, quando uma ação judicial proibiu a prática. Em 2020, a ação finalmente teve sentença final, definindo que caberia ao órgão ambiental estadual definir um zoneamento para a mineração. Algo que só se concretizou neste ano.

## Mais cimento na região

O aquecimento da construção na região também motivou o anúncio da reativação, pela Votorantim Cimentos, do seu moinho de cimento em Esteio, no Vale do Sinos. Serão adicionadas 144 mil toneladas anuais de capacidade produtiva na unidade para abastecer o mercado gaúcho, chegando a uma produção total de 800 mil toneladas anuais. De acordo com a empresa, que domina boa parte do mercado nacional de insumos para a construção, o investimento responde ao crescimento da demanda por cimentos técnicos, que exigem desempenho específico, como maior durabilidade e resistência. É base, por exemplo, para a produção de concreto, utilizado na construção mais industrializada.